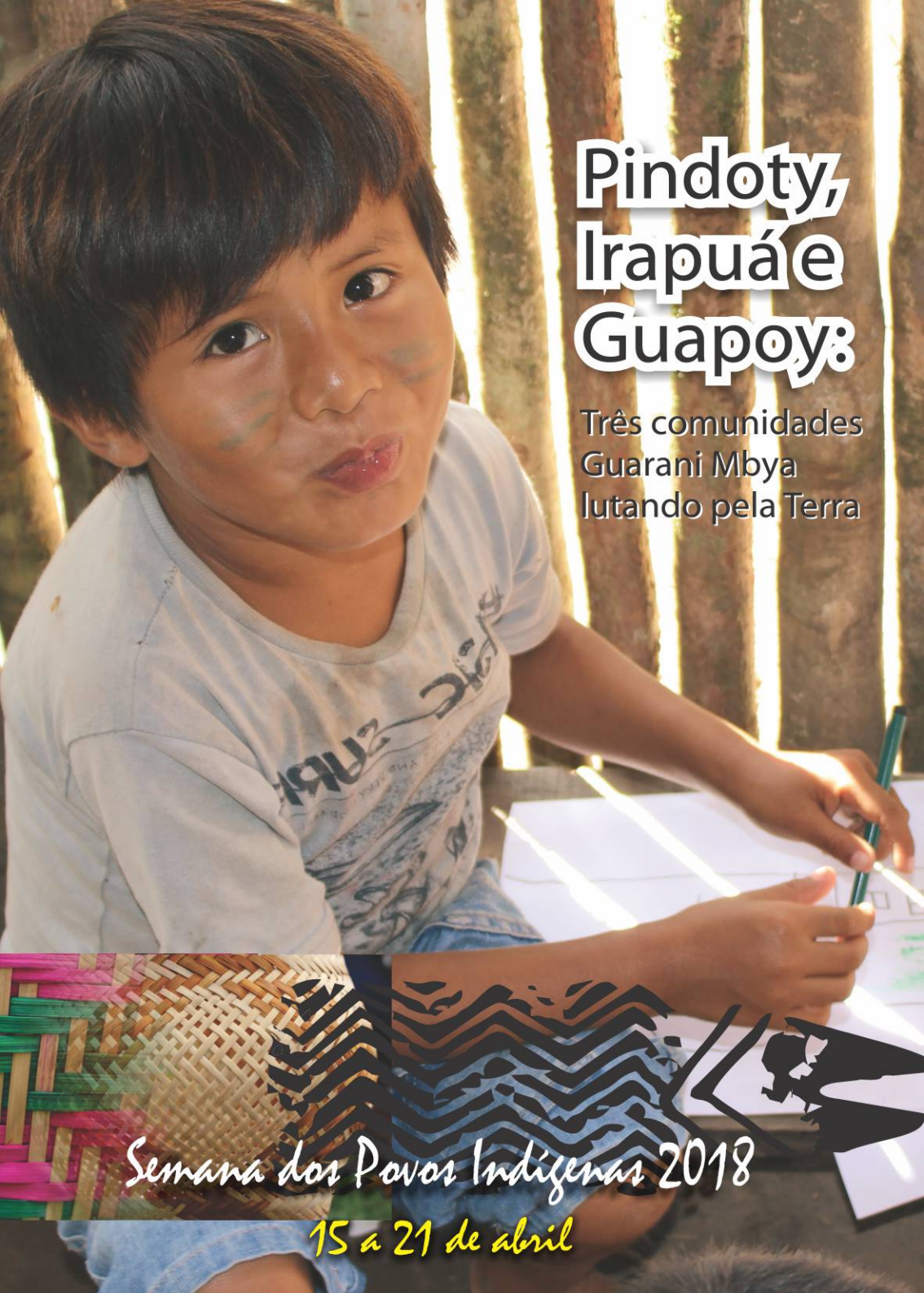




Pindoty, Irapuá e Guapoy:

Três comunidades
Guarani Mbya
lutando pela Terra



Semana dos Povos Indígenas 2018

15 a 21 de abril



Pindoty, Irapuá e Guapoy: *Três comunidades Guarani Mbya* *lutando pela Terra*

Organização: Janaina Hübner, Nienke Pruiksmá e Sandro Luckmann

Responsabilidade: COMIN/FLD

Autoria dos textos: Azilda Oliveira, Estevan Benites Ocampo, Graciliano Moreira, Hugo Caceres, Lino Benites, Mariano Garai, Roberto Silva Verá, Rodrigo de Oliveira e Timóteo Da Silva Verá Tupã Popygua

Realização: COMIN em parceria com a Secretaria da Ação Comunitária/Coordenação de Educação Cristã da IECLB

Elaboração de materiais audiovisuais:

Desenhos: João Garai, Juliana de Souza Garai, Lidia Garai, Marciel Garai, Sandro de Souza, Soledade Garai, Zeferina Garai
Cartoon: Latuff

Fotografias: Anildo Romeu, Eusebio Souza, Janaina Hübner, Nienke Pruiksmá e Sandro Luckmann

Projeto Gráfico e Editoração:
Papaterra Editora e Produções Culturais

Impressão: Impressos Portão

Apoio:

kerk
in actie

Brot
für die Welt

 **ELM Hermannsburg**
Partner in **Mission**

Tiragem: 40 mil exemplares

ISBN: 978-85-7843-772-5

Editora Oikos Ltda. - Rua Paraná, 240 - B. Scharlau - CEP 93120-020 - São Leopoldo/RS
Fone: 51. 3568.2848 • contato@oikoseditora.com.br • www.oikoseditora.com.br



Introdução



Em meio a um mundo dominado pelas culturas não indígenas, o povo Guarani consegue manter vivo e forte um mundo próprio, ao qual poucos têm acesso, além deles mesmos. Um mundo em que as comunidades vivem do seu modo e repassam a sua cultura para as novas gerações: como viver, como plantar, como conviver com as outras pessoas, como cuidar do mundo que *Nhanderu* criou.

O mundo e o modo de ser Guarani como serão apresentados por três comunidades do sul do Brasil neste caderno estão ameaçados especialmente pela falta de um lugar seguro para morar, plantar, caçar, pescar, rezar, criar as suas crianças. Cada uma dessas comunidades, Pindoty em Santa Catarina e Irapuá e Guapoy no Rio Grande do Sul, vive em uma situação de insegurança em relação à terra: terra pequena demais, terra inacessível, terra invadida, terra pouco fértil, acampada em pequena faixa de terra na beira de estrada.

Este caderno é resultado de um diálogo intercultural: ele junta as falas das pessoas anciãs e jovens Guarani com o desafio de registrar e fazer entender um modo de ser fundamentalmente oral no papel. Papel, como conta o cacique Mariano, não é parte da cultura Guarani: *Nós explicamos a nossa cultura, nós falamos, porque a palavra fica na cabeça, porque nossa memória é nosso livro. Assim fica tudo em nosso corpo. A verdade precisa ser falada. Porque não usamos papel. Nhanderu colocou as palavras nos corpos, não no papel. Por isso precisa ser lembrada. Nhanderu criou papel para vocês. Para nós é o corpo.* Nos papéis deste caderno, as falas das comunidades Guarani podem viajar e chegar até você para que aprenda um pouco sobre o modo de ser Guarani e os desafios que elas estão vivendo.

A oralidade se mantém através de pequenos vídeos, com as falas das pessoas das comunidades, que ampliam o conhecimento presente nestes papéis. Para acessar estes vídeos e outros materiais, veja em www.comin.org.br



Os xeramoi e as xejarayi*, os avôs e as avós, contam

por Timóteo da Silva Verá Tupã Popygua

“Os nossos avôs e as nossas avós convocaram todos para continuar a caminhada para alcançar *Tenondere*, onde nasce o sol, no grande mar, *Para guaxu*, o Oceano Atlântico. Os nossos parentes originários levavam com eles suas variedades de plantas originais dadas por *Nhanderu*: batata-doce, milho verdadeiro, amendoim, algodão, mandioca, melancia, fumo, erva-mate, e muitas outras plantas. Levavam em forma de alimentos e sementes.

Primeiramente eles caminharam na direção do lugar dos ventos originários. Passaram por vários campos, pinheiros da araucária, matas baixas, encontraram gabioba do campo e muitas plantas que já conheciam. *Nhanderu* indicava os lugares onde deveriam parar e cultivar as sementes e os frutos trazidos para se reproduzirem em todos os cantos de *Yvyrupa*, a Terra criada por *Nhanderu*.

Seguiam às margens de vários rios, que nomearam *Yguaxy*, *Parana*, *Paraguai* e *Uruguay*. Encontraram *Yyupa*, grande poça de água, a Lagoa dos Patos. Em cada lugar que chegavam, através da sabedoria espiritual, verificaram que existiam árvores e plantas semelhantes ou idênticas, como também eram idênticos animais silvestres, e aves.



***Xeramoi (para homens) e xejarayi (para mulheres) são pessoas com mais tempo de vida e experiência na aldeia. É considerada uma pessoa muito sábia e tem o papel de aconselhar a todos/as.**



Seguindo o rumo do Sol, chegaram na Serra do Mar, um lugar quente e muito exuberante, com muitos animais, até que finalmente chegaram na margem do Mar: *Tenondere*, lugar onde nasce o sol. Para nossos parentes originários, chegar à beira do Oceano era a grande esperança, porque *Nhanderu* havia revelado que ali era *Yvy porã*, Terra boa e aconchegante. Este lugar onde o sol nasce é de muita inspiração para nos fortalecermos espiritualmente, para formar *tekoa*, onde acontece nosso modo de vida, para viver o *nhandereko*, nosso modo de ser, para ter agricultura e plantio com abundância, e para alcançar a sabedoria divina, a morada dos *Nhanderu*.

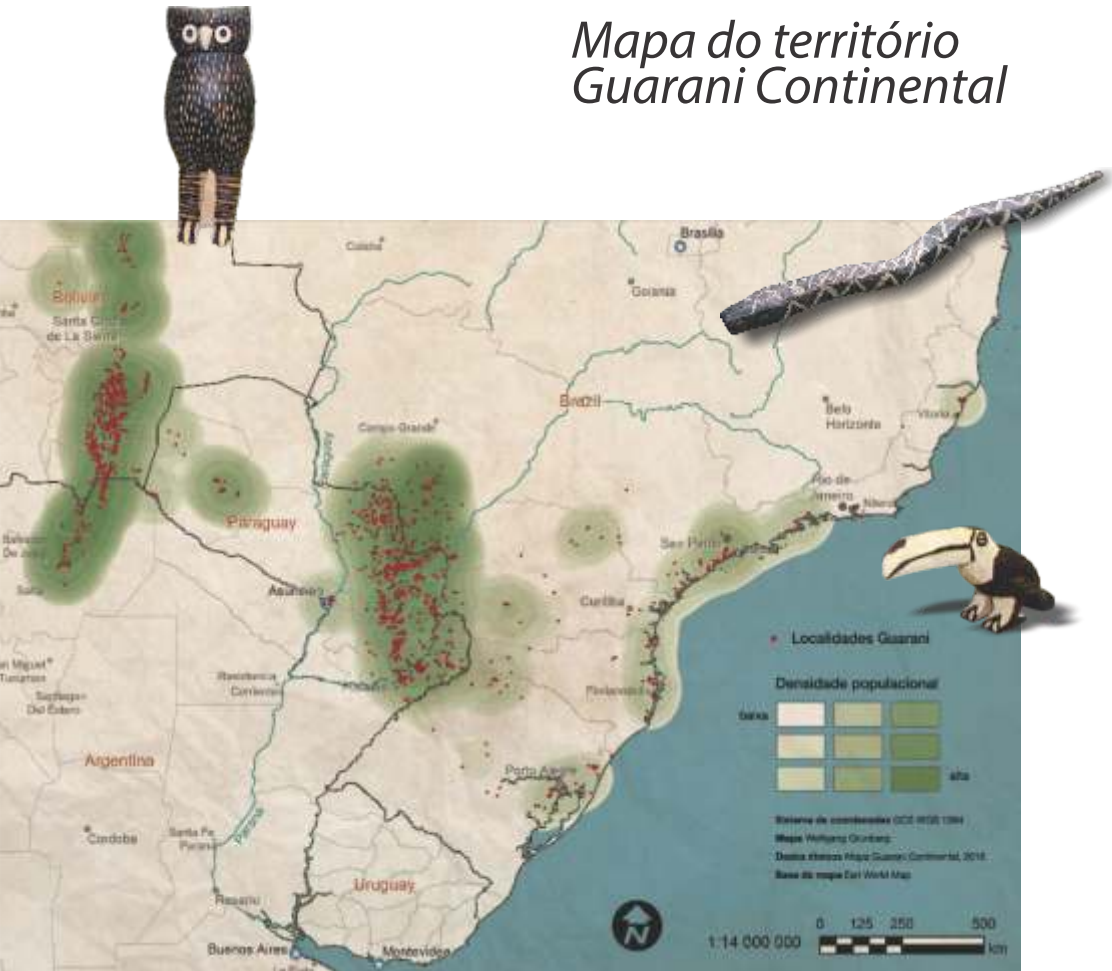
Os nossos parentes originários, através da sabedoria espiritual e da revelação de *Nhanderu*, andaram pela beirada do Mar. Onde ficavam, formavam *tekoa*, e davam nomes aos lugares. Eles trouxeram e plantaram diversas sementes e criações de *Nhanderu* para povoar a Terra e a beira do *Para guaxu*, Mar Atlântico. Assim adquiriram e transmitiram aos seus descendentes uma vasta sabedoria milenar sobre as florestas que formam a Mata Atlântica para enriquecer *Yvyrupa*, nosso território tradicional."



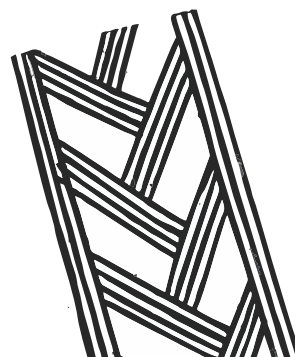
Timóteo Da Silva Verá Tupã Popygua é liderança Guarani Mbya. O texto acima é um capítulo do seu livro *Yvyrupa. A Terra Uma Só*, publicado pela Editora Hedra, 2017, p. 43-48. Ele luta pela Terra para "garantir um lugar para as crianças e afirmar a autodeterminação" do povo Guarani Mbya em todo *Yvyrupa*, "o Território Guarani sem fronteiras" (Verá Popygua, 2017, p. 55-56).



Mapa do território Guarani Continental



Fonte: <http://bd.trabalhoindigenista.org.br/livro/mapa-guarani-continental-2016>



A terra de Nhanderu



*Yvyrupa** é a terra de *Nhanderu*, o Criador. Ele revelou este território para os Guarani, para que eles o povoassem e fossem os guardiões de tudo o que ele criou.

Para os Guarani, a terra é de quem a criou, ela é de *Nhanderu*. Ninguém de nós é dono da terra. Ela não pode ter cerca. A terra é casa de todas as criaturas de *Nhanderu*. Por isso, para este povo, na terra nunca houve fronteiras. O parente que chegar em uma aldeia e quiser morar ali sempre será bem-vindo. Ninguém diz para ele quantos metros quadrados de terra ele pode usar, pois a terra é de *Nhanderu*. Toda a aldeia é de todos, a mata é de todos, a água é de todos. Só é preciso cuidar da forma como *Nhanderu* ensinou.

O modo de ser Guarani, o *Mbya reko***, é o modo que *Nhanderu* ensinou para eles há milênios. No seu *Mbya reko*, o povo Guarani é muito espiritual. E seu modo de vida tradicional é forte e organizado, porque eles respeitam os ensinamentos de *Nhanderu*.



Os ensinamentos de *Nhanderu* são passados de geração a geração através do *Nhemimbo'e*, jeito de educar Guarani, através de conselhos e histórias

***Yvyrupa é o território tradicional de ocupação Guarani que eles conhecem desde sempre. Compreende partes do Brasil, da Bolívia, do Paraguai, da Argentina e do Uruguai. Este território foi revelado aos Guarani por *Nhanderu*, desde os primórdios. Os Guarani caminham constantemente por ele, plantando suas plantas sagradas para alimentação, rituais, medicina, e utilidades domésticas.**

**** Mbya reko é a forma como o povo Guarani vive e se organiza, são os hábitos, costumes, formas de se relacionar entre as pessoas e tudo o que está ao redor, seu modo de ser.**

sagradas dos mais velhos para os mais novos. Neste modo de educar é muito importante a convivência com a família, com os parentes de outras aldeias, com os mais velhos. O lugar central de onde vem os conhecimentos de *Nhanderu* é na *opy*, a casa de ritual. *Nhanderu* revelou a *opy* para os Guarani se comunicarem sempre com ele e fazerem seus rituais sagrados. É necessário estar lá todas as noites e todos juntos, porque *Nhanderu* deu as noites para descansar e se concentrar na sabedoria que vem dele. A vida diária está intimamente ligada à *opy*.



O cacique Mariano, da Aldeia Guapoy, destaca a importância da *opy* para a cultura Guarani: *Para não acabar a nossa cultura tem que ter opy. Nhanderu cuida da opy e assim nós lembramos, fortalecemos a nossa cultura e a nossa terra. Na opy as crianças, homens, mulheres participam para garantir a nossa cultura, a nossa plantação, o nosso modo de ser. Para não acabar a nossa vida, para garantir um pouco mais, para viver mais, para não morrer mais. A opy garante tudo.*

O aprendizado das crianças e dos jovens acontece ouvindo, observando e praticando. Gradativamente as crianças vão assumindo responsabilidades na comunidade. Todo o lugar e todo o momento é lugar de aprendizagem. Desde quando se acorda até quando se dorme. Há momentos de brincar, momentos de realizar tarefas domésticas, de ouvir as histórias para a vida e de se renovar espiritualmente na *opy*. As confecções de artefatos do dia a dia são momentos de aprendizados necessários. Atualmente alguns destes artefatos são feitos como artesanato para a venda por causa da necessidade da troca por alimentos e outros produtos. Pais, mães e filhos dificilmente ficam longe uns dos outros e as crianças acompanham estes momentos de troca. Normalmente as meninas aprendem o mundo feminino com as mães, tias e avós e os meninos com os pais, tios e avós.





A forma de cuidar das plantas tradicionais é mais um exemplo de como o modo de ser Guarani é profundamente espiritual. Estas plantas foram reveladas por *Nhanderu* e os Guarani as conservam durante milênios. O milho verdadeiro, o amendoim, a mandioca, a batata-doce, o feijão, o fumo, a melancia, variedades tradicionais Guarani, são cultivados nos roçados de forma coletiva e trocados de forma solidária entre as comunidades. Esta é uma prática revelada pelas divindades, como mostra a narrativa sagrada, contada por anciãos há muitos anos:

Deves rezar pelo que foi semeado, porque não quererás que os insetos os devorem. Não terás receio de falar sobre eles com Nhanderu, porque não estão destinados para ser consumidos só por ti. Desta maneira rezarás pelo que semeaste, para que Nhanderu os veja: “Aqui crescem meus cultivos. Guarde-os para que tudo que semeei prospere. Todas as plantas que vês, foram criadas por ti, dirijo esta oração por elas. Elas ainda não estão dentro da sua morada indisponível, tão linda, eu consagro elas por ti, para que elas prosperem, para que sirvam a mim e meus parentes como alimentação.”

Assim Nhanderu falará com os numerosos líderes de seus filhos: Procurem um lugar para meus filhos onde eles podem semear seus cultivos, para que as mulheres coloquem seus pés nele, e para que as pequenas flores da terra se formem para alimento das criaturas.

*Depois que os frutos amadurecerem, darás eles para que seus parentes comam sem exceção. As frutas maduras existem para que todos comam delas, e não para que elas se tornem objetos de ganância. Quando dás para todos comer, só assim, Nhanderu, vendo o nosso amor ao próximo, ele prolongará nossos dias para que possamos semear repetidas vezes.**

***León Cadogan, Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: São Paulo, Brazil, 1959, p. 130-131.**





Na terra de *Nhanderu* tem rios com água limpa e muito peixe para pescar. Tem mata grande, cheia de ervas medicinais, frutas e animais para caçar, madeira para o fogo de chão e para construir as casas, terra boa para plantar e taquara para fazer os cestos.

Para manter o seu modo de ser, o *Mbya reko*, os Guaraní sempre buscaram na *Yvyrupa* formar suas aldeias próximas a áreas com matas preservadas.



Três comunidades Guarani sem um lugar seguro para viver o Mbya reko

✕ **Terra Indígena Pindoty**

A Terra Indígena (TI) Pindoty faz parte deste território milenar. Os Guarani sempre formaram comunidade neste local, mas ela foi declarada pela justiça brasileira somente em 2010, sendo limitada em 3.294 hectares. Hoje a TI está localizada na região do litoral norte de Santa Catarina, próxima ao município de Joinville, e organizada em quatro aldeias. As Aldeias Pindoty, Jabuticabeira e Yvapuru estão no município de Araquari e a Aldeia Conquista está no município de Balneário Barra do Sul. Na TI há a Escola Indígena de Educação Básica Pindoty, que recebe as crianças do pré-escolar ao Ensino Médio.

A comunidade luta por este espaço ancestral, mas é constantemente ameaçada por invasões de pessoas que entram na terra para fazer loteamentos, para caçar; mudam as divisas, soltam cavalos que invadem e destroem as plantações. Também há empresas e empreendimentos que têm interesse nesta terra e estão impedindo a demarcação através de um processo judicial no Superior Tribunal Federal. Com isso a comunidade se sente insegura.





Terra Indígena Guapoy

A comunidade Guarani, que atualmente vive na TI Guapoy, tem viva a memória da caminhada pelo território Guarani, especialmente pelo norte e litoral do Rio Grande do Sul. Antigamente, eles viviam em uma comunidade junto à Laguna dos Patos. Contudo, junto com outras 11 comunidades Guarani, a comunidade foi impactada pela duplicação da BR 116, trecho sul (Guaíba-Pelotas/RS). Por isso, em 2013, a comunidade conseguiu uma área de 91 hectares, dando o nome de Guapoy, que significa Figueira, pois é a principal árvore do mato, é a chefe do mato. A TI está localizada na beira da BR 116, no município de Barra do Ribeiro, a 65 quilômetros ao sul de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

A Terra é pequena para a comunidade que está crescendo. Não tem muito mato dentro da área, há poucos bichos para caçar e não há matéria-prima para fazer artesanato e construir casas. Infelizmente tem muito eucalipto e como nesta área não cresce nada mais, o plantio nas roças fica difícil. Na Terra moram cerca de 140 pessoas e há a Escola Indígena Tekoa Guapoy.



Mapa de Guapoy
desenhado por jovem Guarani





Terra Indígena Irapuá

A comunidade Guarani do Irapuá está acampada na beira da BR 290, no município de Caçapava do Sul, na região do pampa gaúcho, no Rio Grande do Sul. A comunidade Irapuá aguarda a conclusão da demarcação de sua terra tradicional, com área de 222 hectares, e que está em frente ao local do atual acampamento.

Apesar da ocupação tradicional ser reconhecida, a comunidade ocupou outros espaços disponibilizados pelo governo. Porém, nestes lugares não foi possível viver o modo de ser Guarani, motivo pelo qual retornaram à margem da BR 290, como explica o cacique Lino Benites: *Ali onde estávamos, era uma terra dura. Eram 80 hectares, mas só de eucalipto. Não dava nada. Por isso, para tentar melhorar voltamos aqui onde já morávamos. Porque esta terra sempre foi dos Guarani. Eu vim pra cá quando tinha 7 anos. Aqui sempre andava Guarani.* Na beira da estrada, a comunidade mora em casas de madeira, mas o pequeno pedaço da terra é fértil e é possível cultivar plantas tradicionais. O espaço demarcado tem bastante mata e um arroio passa no meio dele. Aqui a comunidade Irapuá tem a esperança de viver com tranquilidade e segurança.





A realidade das comunidades Guapoy e Irapuá, que vivem o seu modo de ser na beira de rodovias, como outras comunidades indígenas, revela uma situação de insegurança e perigo. Neste sentido, o cacique Mariano da comunidade Guapoy fala: *Tem perigo, muito perigo para vender artesanato no asfalto. Têm muitos caminhões, muitos carros. As pessoas não respeitam as leis federais e correm muito. Mas, onde têm Guarani, tem que ter respeito: pode ser que sai uma criança. As pessoas têm que saber onde tem Guarani. Já aconteceu um acidente em um outro lugar. Aqui ainda não.* Infelizmente as pessoas da comunidade de Irapuá relatam um atropelamento na BR 290, com a morte de um jovem, no inverno de 2016.





Os juruá* na terra de Nhanderu

A colonização pelos povos europeus fez mudar a paisagem de *Yvyrupa* e interferiu na forma do povo Guarani fixar suas moradias, de manter seu modo de vida e seus costumes. Os contatos e conflitos causaram às comunidades Guarani a expulsão dos seus lugares. Também causaram a divisão do território tradicional Guarani por cercas, rodovias, empreendimentos, divisas, que não fazem parte da lógica de *Yvyrupa* e do *Mbya reko*. A colonização delimitou dentro do território Guarani os países que hoje conhecemos como Argentina, Bolívia, Brasil, Uruguai e Paraguai. Isso está dificultando uma das mais fortes características do modo de vida Guarani que é caminhar por *Yvyrupa*, para visitar parentes de outras comunidades. Assim, os parentes que nascem na Argentina têm dificuldades de entrar no Brasil; os que nascem no Paraguai têm dificuldades de visitar os parentes nos outros países. Acabam se sentindo como estrangeiros no seu próprio território.

***Juruá significa “boca com cabelo”, e se refere às barbas e aos bigodes dos conquistadores europeus. Hoje é usada para se referir a todos os não indígenas.**
Fonte: www.mirim.org/quem-sao-os-brancos.





Para as comunidades Guarani todo o território em que pisam é um *tekoá*, um lugar onde são e vivem, tal como *Nhanderu* ensinou. Para formar um *tekoá* é necessário ter rios de água limpa, com peixes para pescar, ter mato para caçar e coletar materiais para o dia a dia da comunidade, coletar ervas medicinais e frutas, ter terra boa para plantar. Para os Guarani, viver com a floresta é um modo de ser ancestral, sagrado, é respeitar o que *Nhanderu* criou. O que vem da floresta já é uma riqueza e é bom o suficiente para se ter uma vida boa.



Onde é possível encontrar territórios assim hoje?



As poucas terras que restaram hoje para os Guarani os *juruá* querem tirar deles, pois estes acreditam que a terra deve ser explorada e gerar dinheiro. Assim, os *juruá* tiraram as matas e os espaços para caça, pesca, e a coleta de materiais e os alimentos diminuíram e continuam diminuindo. Como diz o cacique Mariano da comunidade Guapoy: *Antigamente tinha muita mata com bichos, agora não tem mais mata. Agora vivemos no meio de plantações e de juruá, gente de fora. Todo Guarani está vivendo no meio de vocês, também nas cidades. Mas não era assim. Era mata, fazíamos roça, fazíamos plantação, podíamos caçar tatu. Assim, vivíamos antigamente.*

Assim escreve a liderança Guarani Timóteo da Silva Vera Tupã Popygua: [...] *Queremos que o nosso direito de ser e de viver nesta Terra, de acordo com nossos costumes, princípios e tradições seja respeitado pela sociedade não indígena* (Da Silva Vera Tupã Popygua, 2017, p. 60).





Depois de muita persistência, de mobilizações e de reivindicações de todos os povos indígenas no Brasil, eles conquistaram na Constituição Federal de 1988 a inclusão dos artigos 231 e 232. Veja os artigos aqui: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

A demarcação da terra tradicional indígena é um processo conquistado pelos povos indígenas, para que os *juruá* respeitem as formas de viver e as lógicas indígenas de terra e território, como o *tekoá* das comunidades Guarani. As leis para a demarcação de terras indígenas tentam respeitar a lógica das comunidades indígenas, mas, ao mesmo tempo, elas são criadas e aplicadas pelos *juruá*.

Apesar da comunidade Irapuá estar acampada há décadas na beira da BR 290 esperando a demarcação da sua terra já declarada, o cacique Lino fala com esperança: *Essa terra foi prometida há muitos anos. Aqui, nós estamos porque temos bastante caça, bastante pesca. Vendemos um pouco de artesanato. E isso é muito importante para a gente. Estamos neste lugar e com esperança de melhorar a vida da nossa família.*





Mas ele também deixa evidente as dificuldades de viver nestas circunstâncias: *A gente passa dificuldades no inverno. A gente não suporta muito dentro de uma barraquinha. A gente sofre mais no inverno, quando chega o frio. As barraquinhas aqui são de lona, e a gente sofre quando chega frio e chove. Dentro da barraca de lona a gente não pode fazer um fogo para se esquentar.* Após a denúncia desta situação pelo cacique Lino a comunidade recebeu algumas casas de madeira.



O processo de demarcação de terras indígenas limita o modo de ser dos povos indígenas. Mas, é uma forma de garantir um espaço de terra para as comunidades indígenas viverem e protegerem o futuro das próximas gerações. O processo de demarcação de terras revela os conflitos entre duas formas de compreender o significado da “terra”. Para os *juruá* é possível ser dono de um pedaço de terra, pequeno ou grande, e fazer o que se deseja com ele, inclusive proibir a entrada de outras pessoas, e explorar para ter lucro. Os Guarani nunca irão olhar para a terra deste modo, pois ela é de *Nhanderu*. Essa situação promove preconceitos e discriminação ao modo de ser Guarani, o *Mbya reko* e também não reconhece a milenaridade de *Yvyrupa*.



Como fala o jovem cacique da Aldeia Pindoty, Roberto Silva Verá: Os juruá querem se apoderar da terra, mas neste território nosso povo sempre esteve. Hoje aqui onde é considerado Araquari, São Francisco do Sul, nossos antepassados viveram e nós continuamos vivendo. Nós não estamos à procura de terra, naturalmente estamos em nosso território, vivendo assim como os nossos avós. E tem esses que querem se apoderar. Os juruá querem se apoderar da terra para vender, e das madeiras também. E nós queremos a terra não para fazer isso. Apenas queremos espaço tranquilo para viver, para plantar, tranquilidade para nossos anciãos e nossas crianças. É com esse objetivo que nós lutamos. Não queremos terra para vender. Hoje mesmo os juruá estão cortando madeira dentro da TI, demarcando vários lugares para dizer que é sua terra e nós não interferimos para evitar conflitos.

A preocupação e o medo da liderança Guarani e dos outros povos indígenas existem porque o processo de demarcação das Terras Indígenas tem sido muito demorado nas mãos dos juruá. Eles não têm interesse em respeitar o olhar e as necessidades indígenas e essa demora gera conflitos e violências entre indígenas e juruá.

Roberto, continua: Nós passamos dificuldades e todos os Guarani passam dificuldade. Sofremos críticas e preconceitos. Nós somos diferentes e os brancos não entendem a nossa cultura. Os que mais entram em confronto conosco são o Conselho Tutelar e a polícia. Sofremos pressão até mesmo da promotoria. Nós não temos nada a ver com isso, pois quando acontece algum problema na comunidade nós mesmos resolvemos. Isso eu quero deixar bem claro.



Para conhecer um pouco mais sobre a luta do povo Guarani pela demarcação de suas terras, assista ao vídeo “A todo povo de luta”, do grupo de Rap Guarani Mbya, do coletivo Tenonde Porã Pygua.

A TODO POVO DE LUTA

*Tenonde Porã, aqui é o meu lugar
eu luto pela terra, por toda Yvyrupa
Parelheiros, zona sul, São Paulo
a todo povo guarani eu saúdo:
Mbya, Guarani, Kaiowa, Nhandeva
Antes do juruá subir a serra*

*eu mando um abraço para todo irmão
negro
hoje já corre no sangue, bate forte no peito
carrego o dom de ritmo e poesia
eu e todo povo da periferia
pra chegar e somar
canta rap sempre quis
mesmo sofrendo a gente sabe ser feliz
medo de prova, o dia a dia é nosso teste*

A todo povo de luta: Aguyjevete!

*Demarcação já – é a terra protegida
Demarcação já – é a mata preservada
nossa maior luta é por autonomia
xondaros e xondarias todo dia*

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=uUvS8Gnbkwk&feature=youtu.be>>.





O modo de ser Guarani na convivência com os juruá

Apesar de mais de 500 anos os Guarani vendo suas terras serem ocupadas pelos *juruá*, e sofrerem a pressão cultural desta invasão, o modo de ser Guarani permanece. Eles guardam, vivem e repassam suas histórias, sua organização social, sua ética, seu idioma, o conhecimento das plantas, os cuidados com a alimentação e, consequentemente, com o corpo e com o espírito, com o artesanato e a agricultura. Mas, como todas as culturas mudam com o tempo, alguns elementos da cultura Guarani se modificaram nos últimos anos.



Falando sobre as mudanças, o Xeramoí Graciliano Moreira disse para os/as jovens Guarani: *Agora já que vocês querem saber como era antigamente, porque nós vivíamos muito tempo antigamente... nós não comíamos sal, tinha carne, frutas, peixes, mel e hoje nós não vemos mais peixe nem nada, nem mesmo cotia não se vê mais, nada, nada, só o nome vocês sabem. Nós estamos no meio dos brancos. Antigamente não tinha brancos e nós vivíamos na floresta. Hoje tudo o que os mais velhos falavam para mim eu estou vivendo. Eles diziam, um dia você terá barba branca e netos e estará no meio dos brancos, usando a roupa deles. Assim eles diziam e eu não acreditava. Agora eu estou vendo e acreditando. Eles diziam, quando vocês estarão no meio dos brancos, meus bisnetos, vocês mudarão. Eles diziam e eu não acreditava. Eu vi a mudança no modo de ser das pessoas. (Ver Documentário sobre mudança de hábitos culturais em www.comin.org.br)*





Mas, mesmo com as mudanças no modo de ser das pessoas, ocasionadas pelas pressões culturais dos *juruá*, as comunidades Guaraní resistem por causa da importância dos ensinamentos dos *xeramoí* e das *xejerayi*, que repassam os seus saberes e conhecimentos para as próximas gerações. Cacique Mariano fala: *Nós chamamos toda a comunidade e sentamos juntos na opy: a criança, os jovens que sabem escutar a palavra de*

xeramoí. As pessoas mais velhas tem que falar para não acabar a nossa cultura. Quem não lembra mais, muda pela cultura de juruá. Nós ensinamos a nossa cultura para as jovens para guardar ela na cabeça deles. Porque a palavra pica na cabeça. A nossa cultura temos em nosso corpo. Os mais velhos desaparecem, por isso precisamos ensinar as crianças para falar como os xeramoí, os caciques.



O cacique Lino, da Comunidade Irapuá, também destaca o plantio como uma das formas de repassar os ensinamentos entre as gerações: *Para não perder a nossa cultura a gente continua plantando, a gente faz o que é pra fazer. E assim vamos continuando, mesmo nós que temos pouquíssima terra vamos plantando para ensinar as crianças e assim elas vão aprendendo e quando crescerem vão se lembrar que é importante plantar. E assim vamos passando de geração pra geração.*





Na educação Guarani o corpo e a palavra interagem: as palavras dos *xeramoí* e das *xejerayi* entram nas cabeças dos jovens e permanecem lá. Assim, a próxima geração tem o conhecimento dos Guarani para continuar o modo de ser, mesmo convivendo com a cultura *juruá*. Mas, com a pressão da cultura *juruá*, chega a necessidade de formação escolar: aprender a ler e escrever, entre outras. As crianças e os jovens Guarani vão na escola, dentro ou fora das suas comunidades. Cacique Mariano compara as duas formas de educação: *Agora já todo mundo está estudando. Mas as crianças estão estudando só pra vocês, os juruá. Elas têm que lembrar duas coisas da mesma forma. Pode estudar, mas tem que lembrar da nossa cultura.*



O Professor Hugo Caceres, da TI Guapoy, ressalta algumas vantagens da escola para as comunidades: *Na escola eu trabalho com a língua Guarani, a escrita bilíngue e o comportamento das crianças. Falo da cultura para o futuro: como vai ser daqui pra frente. Qual é a cultura que está mudando a nossa realidade? Porque a nossa realidade antigamente era outra. Agora está mudando para a geração de hoje. Por isso conto do passado. No passado as crianças ouviam mais histórias dos avós, escutavam lendas. Mas hoje em dia isso mudou por causa da tecnologia: os maiores já têm celulares. Tem televisão, tem computador. Isso mudou um pouco, assim como na sociedade dos juruá. Muitos já não querem ouvir histórias, porque têm televisão. Não querem mais conversa, porque eles conversam pelo celular, mandam mensagens. Por causa da tecnologia, isso mudou. A gente conversa sobre isso na comunidade, mas isso não é só aqui, é quase em todas as comunidades.*

É evidente que a influência do modo de ser *juruá* impacta em diferentes aspectos da vida diária das comunidades Guarani, como a Pindoty, Guapoy e Irapuá. Mas elas continuam a passar seu *Mbya reko* pelas gerações e ensinam as crianças e os jovens os conselhos de *Nhanderu* e as histórias de *Yvyrupa*. Os Guarani permanecem na luta, sempre encontrando formas de resistir e se fortalecer para cuidar da terra de *Nhanderu*.

Guarani vive! Guarani resiste!

Aguyjevete!



Como trabalhar com o caderno?

Os textos deste caderno tentam introduzir os leitores e as leitoras no mundo Guarani. Um mundo que é diferente do mundo não indígena, com uma espiritualidade, um modo de viver e valores diferentes. Assim, esperamos que aumente o conhecimento, a compreensão e o respeito para com este povo indígena (e além disso para a resistência e o modo de ser de todos os povos indígenas no Brasil).

Assim, convidamos vocês para trabalharem com este material de forma contextualizada, estimulando crianças e jovens a pensar sobre a forma de viver do povo Guarani.

Para ajudar nesta tarefa, no *website* do COMIN – www.comin.org.br – encontram-se diversos recursos pedagógicos para trabalhar sobre a temática do povo Guarani em situações de insegurança em relação à terra:

- Cartilhas para usar na sala de aula com tarefas, exercícios de reflexão e discussão e ideias criativas que tocam nos assuntos abordados no caderno.
- Pequenos vídeos com falas de lideranças Guarani das comunidades de Pindoty, Guapoy e Irapuá.
- Desenhos de jovens Guarani de Guapoy sobre a sua vida diária.
- Sugestões para leituras e *websites* com informações sobre os vídeos do povo Guarani Mbya, e informações gerais sobre povos indígenas no Brasil.



Pindoty, Irapuá e Guapoy:

Três comunidades
Guarani Mbya
lutando pela Terra



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana
no Brasil



FLD
projetos de vida

**kerk
in actie**

Brot
für die Welt



ELM Hermannsburg
Partner in **Mission**



papaterre
EDITORA

Contato: FLD - COMIN

São Leopoldo/RS - Caixa Postal 14 - CEP: 93001-970

Fone (51) 3590.1440 - cominprofordi@est.edu.br



ISBN 978-85-7843-772-5



9 788578 437725